

1. O início

As aulas por vezes podem suscitar algo completamente inesperado e acabar abrindo novos campos de pesquisa e investigação. Tudo começou a partir de uma frase dita pela professora Margarida de Souza Neves em uma aula de Brasil III na graduação. Ao falar sobre Canudos, ela disse que a república não poupou esforços para varrer Canudos do mapa e *que Canudos tinha de ser apagado inclusive dos corações e das mentes dos canudinhos*, ou seja, dos corações e das mentes daquelas crianças a quem a guerra legara a condição de orfandade. Apesar de toda a violência da guerra de números assustadores, do incêndio que devastou o que sobrara da Aldeia Sagrada de Antônio Conselheiro, das mortes, dos assassinatos que não pouparam mulheres e crianças, naquele momento, esta pareceu-me a maior e mais cruel das violências empreendidas pelo governo republicano. Tirar de crianças que já haviam perdido tudo, o direito sobre a sua própria história de vida.

Algum tempo depois, quando no decorrer do curso chegou o momento de definir o tema da monografia, constatei que o estranho mecanismo de seleção que é nossa própria memória havia escolhido não esquecer daquela frase, mesmo já tendo se passado um ano. O tema já havia sido definido. A professora Margarida alertou-me sobre a dificuldade que iria enfrentar, já que o material de pesquisa era escasso, mas aceitou o desafio de me orientar.

Após muita pesquisa e ajudas providenciais de amigos e professores, chegamos ao material que serviu de base para a monografia: as fotos de Flávio de Barros, o livro do Comitê Patriótico da Bahia e o livro comemorativo do centenário do Liceu Salesiano de Salvador.

O caminho estava só começando, acreditava que tinha muito mais a descobrir. Assim, parti para o processo seleção do mestrado. Aprovada, comecei o curso, e seis meses depois nas férias de julho de 2005 embarquei para Salvador. Na bagagem alguns contatos com o pessoal responsável pelo acervo do professor José Calasans na UFBA, uma reserva em um apart-hotel em Ondina, em frente ao campus da Universidade, para uma estadia de 10 dias, voucher de aluguel de carro, edição recente de guia de viagem, mapas rodoviários da Bahia, laptop, um cartão do Hotel Brasil em Nova Canudos e a firme determinação de ir até lá. Na

verdade, tinha pouco tempo e deveria ficar somente em Salvador para garimpar o máximo de documentação. Sem dúvida, isto seria mais lógico, mas não iria desperdiçar a oportunidade de conhecer o palco do conflito estando tão perto de lá.

1.1 Primeira parada: Salvador

Cheguei a Salvador numa tarde nublada e chuvosa de julho. No dia seguinte parti ansiosa para UFBA, a poucos metros dali. Durante uma semana chegava ao Núcleo dos Estudos dos Sertões as 9 da manhã e saía às 17 horas, quando fechava. Depois aproveitava o final da tarde para fazer um pouco de turismo, que ninguém é de ferro, e afinal eu estava em Salvador.

No final da primeira semana, já havia vasculhado todo o arquivo, comprado várias publicações que não chegam ao Rio e copiado tudo que achava que poderia me interessar, sempre com a ajuda inestimável dos funcionários que entendiam minha ânsia em reunir o máximo de material possível no curto espaço de tempo que dispunha. Me despedi da UFBA e do Centro de Estudos dos Sertões sabendo que havia feito o melhor possível, mas com aquela estranha sensação de angústia, que não abandona o pesquisador, de que se pudesse passar um ano ali ainda iria descobrir mais. Pode ser que sim, pode ser que não, de qualquer maneira, ainda tinha outras instituições para visitar.

No quarto do hotel, com a lista telefônica na mão, mapeei os lugares onde ainda precisava ir. Na manhã seguinte parti para o Colégio Salesiano, já que sabia que havia recebido doações para abrigar os órfãos de Canudos. Decepção total, fora o livro do centenário do colégio, que os salesianos já haviam me enviado para o Rio de Janeiro, nenhum outro material sobre as crianças: fichas de matrícula, boletins escolares, relatórios, nada. Dali segui direto para o Instituto Histórico e Geográfico da Bahia, onde consegui um bom material que constava de recortes de jornais da época sobre o trabalho do Comitê Patriótico da Bahia, organização da sociedade civil que socorreu as mulheres e crianças vítimas da guerra. No decorrer desta segunda semana, ainda estive no Instituto Antônio Conselheiro, no Pelourinho, e no arquivo da Santa Casa de Misericórdia de Salvador, onde fotografei atas de reunião que citavam a entrada de crianças de Canudos nos asilos ligados à instituição.

Acabava a segunda semana e resolvi ir à noite a uma livraria grande que tinham me indicado. Passeando entre as estantes, deparei-me com mais um dos livros que nunca tinha visto no Rio, era uma compilação de recortes de jornais sobre Canudos na época do centenário em 1997, e comprei-o. No hotel, folheando a aquisição, vi algo inusitado: uma etiqueta com o telefone e o endereço do autor Raimundo Gama. Cheia de pudor tomei coragem e liguei. Afinal, se uma pessoa disponibiliza assim seus dados deve esperar que alguém ligue. Raimundo foi muito gentil. Ele me explicou que morava em Feira de Santana, mas me deu o telefone de outro autor e estudioso de Canudos que morava em Salvador. Liguei então, para Oleone Coelho Fontes. Dois dias depois, estava sentada na sala de sua casa conversando, sem parar de pensar como eram atenciosos e acessíveis os baianos. Oleone me indicou vários outros livros, além de ligar na hora para Antônio Olavo, historiador e idealizador do site www.portfolium.com.br, que eu havia utilizado muito por ocasião da elaboração da monografia de final de graduação. Antônio Olavo, além de ser muito simpático por telefone, me disse que chegando a Canudos procurasse um amigo seu, Zé Américo. Dali, da casa de Oleone, sai feliz e carregada de livros para me preparar para a segunda parte da viagem. Finalmente eu iria a Canudos.

1.2 Destino: Canudos

Dia 13 de julho, munida de oito litros de água mineral, uma dúzia de refrigerantes, sanduíches, repelentes, máquinas fotográficas e mapas, saí de Lauro de Freitas às 7:30hs da manhã em direção a Feira de Santana. Em Feira de Santana peguei a BR116 e segui em direção a Monte Santo. Trezentos e cinquenta quilômetros separam Salvador de Monte Santo. Na estrada você tem que escolher em que buraco cair. Por todo o caminho havia meninos com pás na beira da estrada tapando os buracos com terra em troca de moedas. A cerca de 15 km de Tucano o asfalto some completamente para só reaparecer muito depois. Em Tucano começa o chamado sertão do Conselheiro, ou seja, a região por onde ele peregrinou antes de estabelecer-se em Belo Monte. Nesta região surgiram as primeiras placas indicando Canudos. Depois de mais ou menos oito horas de viagem deparei-me com o açude do Cocorobó, quase não podia acreditar - eu estava em Canudos!

1.3 Segunda Parada: Canudos

Parada na beira do açude, contemplava o lugar, lembrava das palavras de Euclides descrevendo a região. Era muito emocionante estar ali. Eu podia ver, tocar, sentir meu objeto de estudo, a paisagem tantas vezes imaginada se concretizava diante dos meus olhos. Ali, onde havia sido a aldeia sagrada de Conselheiro, nada restara, o açude alagou em 1968 o local onde os canudenses moraram. Hoje há apenas o açude, uma estátua de Conselheiro e um minúsculo museu com objetos da guerra: são balas, mochilas de couro, canecas, espingardas, facões, botas, misturados a objetos contemporâneos como um inacreditável Buda de porcelana e uma fotografia colorida de uma família que não tenho idéia de quem seja. Fragmentos de outros tempos pendurados nas paredes.

Turistas chamam a atenção no pequeno povoado de pescadores que se formou à beira do açude, rapidamente estávamos cercados de crianças, um menino de uns seis anos de idade, com a mão cheia de cartuchos de bala que ele assegurava serem da guerra, tentava me vender o lote. Segundo sua versão ele os retirava do fundo da água. Dividida entre a consciência da importância da preservação dos sítios arqueológicos e a tentação do souvenir, escolhi o crime leve - comprei um só. Se a relíquia é verdadeira, não faço idéia, também não importa.

A pobreza ali é absoluta, casas de pau a pique, que lembram em tudo as casas do povoado de Belo Monte, misturam-se com as de alvenaria, crianças de pés descalços, muito pouco comércio, infra-estrutura turística nenhuma. Para que eu pudesse entrar no museu um garoto foi buscar a chave que fica guardada na casa de alguém.

Segui viagem para Nova Canudos. No caminho, está o Parque Estadual, local onde as tropas acamparam na tomada final ao povoado, o parque é grande e entramos de carro. Da janela via o alto do Mário, o Vale da Morte e o Alto da Favela e todas as cenas lidas passavam como filme na minha cabeça. Preferi não andar a pé, pode parecer estranho, mas, as narrativas das atrocidades cometidas ali, estavam ainda muito vivas em mim. Na saída encontro Zé Américo, o amigo do Antônio Olavo, que entrava no parque com um casal de turistas. Me identifico e marcamos um encontro no hotel, à noite.

Após o passeio no parque tomei o rumo de Nova Canudos, localidade para onde foi transferida a população por ocasião da construção do açude. No caminho a paisagem impressiona: chão seco, rachado, a terra vermelha, cactos e mandacarus dominam as margens da estrada, mas é inverno, época de chuva, o sertão está verde, o céu carregado de nuvens cinzas, e secretamente agradeço a temperatura amena.

No centro de Nova Canudos há uma larga rua principal de mão dupla onde vemos uma agência bancária, mercadinhos, bares, muitos bares, um ao lado do outro, igreja, escola, o hotel, restaurantes. A cidade é pequena, mas muito mais movimentada que o povoado à beira do açude. Depois de instalados no hotel, fomos almoçar no *Tia Lea*, quase cinco da tarde e ela teve de improvisar a refeição. O cardápio, a princípio, assusta os recém chegados - carne de bode, mas a simpatia nos cativou.

No princípio da noite chega Zé Américo, bom papo, poeta de mão cheia, guia local, conversamos sobre Canudos de ontem e de hoje. Articulado, preocupado com seu povo e sua terra me dá informações de quem nasceu, se criou ali e conviveu, ainda criança, com os poucos homens de Conselheiro que sobreviveram. Marcamos um passeio juntos pela cidade no dia seguinte. De noite foi difícil dormir, as ruas ficam desertas lá pelas 10hs, e eu, tomada pela emoção de estar ali, não queria nem fechar os olhos.

Na manhã seguinte, no café, Zé Américo já estava a postos. Fomos para a igreja local e, lá dentro, no altar estava o cruzeiro de madeira erguido por Conselheiro à frente da igreja de Santo Antônio em Belo Monte e uma placa: *edificada em 1893 por AMMC (Antônio Mendes Maciel Conselheiro)*. No centro do Cruzeiro, uma foto de Dona Zezinha que foi a guardiã da relíquia por toda vida. Só por aquele momento a viagem já tinha valido a pena, na pequena igreja mal iluminada deixei de lado a racionalidade historiográfica que tinha me levado até ali, diante da grande cruz talhada em madeira que tinha resistido à guerra e ao tempo – agradei. Do lado direito do altar, toras de madeira descansavam num cavalete. Zé Américo esclareceu que tratava-se da famosa madeira que Conselheiro comprara em Juazeiro para a construção da igreja nova e que nunca recebera. Conselheiro mandou seus homens buscarem a encomenda, espalhou-se o boato que os conselheristas invadiriam a cidade e teve início o conflito. Muito tempo depois, os herdeiros do comerciante doaram a madeira para a cidade. Ao

lado da igreja, na sede do Instituto Popular Memorial de Canudos, documentos como a certidão de batismo de Conselheiro, o papel de doação da madeira, postais da cidade e livros de cordel.

Dali seguimos para o Memorial Antônio Conselheiro, um prédio imponente, moderno administrado pela UNEB (Universidade Estadual da Bahia) que destoa da paisagem rústica e pobre do sertão. Muito bem cuidado, guarda alguns objetos e crânios desenterrados num trabalho arqueológico no Vale da morte, além dos figurinos utilizados no filme de 1997, dirigido por Sérgio Rezende sobre Canudos. No pátio externo há uma estátua do conselheiro e a planta Canudos que deu origem ao nome da região. Enquanto andava por lá, encontrei Luis Paulo Neiva, um dos diretores da UNEB que estava ali por conta de uma reunião com prefeito. Vendo que eu não era dali, se apresentou e me perguntou de onde eu era. Passadas as apresentações começamos a conversar e ele me pergunta se eu já tinha visto uma coleção de nove Cd-Rooms com cerca de 32.000 documentos sobre Canudos. Respondi que tinha visto o material no Instituto Antônio Conselheiro, no Pelourinho, mas que tinham me orientado a, ao chegar ao Rio de Janeiro, pedir à PUC que solicitasse formalmente as cópias, através de ofício. Ele levantou e foi dar um telefonema. Na volta, me olhou e disse: passe daqui a duas horas no campus da UNEB de Euclides da Cunha e pegue as suas cópias. Eu, completamente pasma, agradei penhoradamente, ele me explicou então que o material foi feito pelo Centro Euclides da Cunha da UNEB e distribuído a várias instituições. Saí feliz e agradecida, sem deixar de pensar como a vida guarda surpresas. Que ironia! Canudos, e não Salvador, havia me dado o maior número de documentos para a pesquisa.

1.4 De volta ao Rio: A busca

De volta ao Rio, hora de analisar o material conseguido. Durante este processo, uma pergunta desperta minha atenção. Lendo *Quase biografias de jagunços* do professor Calasans, que havia comprado na UFBA, verifico que ele termina um dos artigos perguntando quem podia dar notícias sobre o menino que Euclides da Cunha havia trazido de Canudos e entregue a um amigo em São Paulo. A última notícia que se tinha é que o menino havia se formado professor primário em 1908. O nome do garoto passara a ser Ludgero Prestes, já que o do

amigo de Euclides que o criou era Gabriel Prestes e o único documento era uma carta de Ludgero para Euclides contando da formatura em 1908. E isto era tudo o que eu sabia. Procurei em livros, sites, artigos e nada. Ludgero, após formado, não havia deixado rastros. Sobre o pai adotivo, muitas informações. Era um importante educador paulista, com livro publicado, acervo em museu no interior de São Paulo, mas Ludgero parecia ter desaparecido.

Durante meses, volta e meia, a pergunta de Calasans vinha a minha mente, procurava sem sucesso uma resposta enquanto pensava, inconformada, que ninguém desaparece assim, não se vive uma vida inteira sem deixar pistas, eu com certeza não estava sabendo como e onde procurar. Quando achei que já tinha feito o possível lancei mão de um recurso que normalmente os historiadores não vêem com bons olhos, mas não tinha nada a perder. Abri o computador e digitei na barra de busca do *google* – Ludgero Prestes. Em segundos na tela à minha frente páginas e páginas de citações. Dá pra imaginar quantos Prestes o mecanismo de pesquisa selecionou? Não lembro ao certo o número, mas eram muitos. Fui de um por um, de site em site, até que cheguei ao Prestes que procurava – Ludgero. É difícil encontrar palavras para descrever o que senti: atônita, chocada, não sei, sobretudo eufórica, comecei a puxar o fio da meada. Neste momento era preciso cuidado, pois poderia ser um homônimo. A possibilidade me parecia remota: o nome é incomum, as idades eram compatíveis, mas não podia descartar a eventual coincidência. Sete meses e duas viagens depois cheguei à confirmação- O Ludgero citado no *Google* era o jaguncinho de Euclides. Eu finalmente havia encontrado o destino de uma criança de Canudos e, além da importante descoberta, isso dava fôlego a este trabalho. A busca e a subsequente confirmação estão mais detalhadas na conclusão desta dissertação.

1.5 A Dissertação

Optei por iniciar esta introdução contando o percurso trilhado desde a graduação porque a pesquisa de campo foi parte importante deste trabalho. Diria mesmo que sem ela não teria sido possível continuar com o tema. A pesquisa enriqueceu o trabalho, trouxe descobertas, proporcionou o encontro com outros estudiosos interessados pelo tema, tornou este percurso do mestrado menos

solitário, enriqueceu o trabalho mas, também, estreitou minha ligação com o tema, de tal forma que chegou a gerar alguma dificuldade.

Canudos é um tema que leva necessariamente a nos depararmos com assuntos difíceis como a fé, o sonho, a guerra, a violência e a morte. Seja nas fontes escritas registradas, preferencialmente, pelos vencedores, como na oralidade, só tardiamente registrada, dos vencidos. O tom é constantemente marcado pela apologia, pela paixão que temas como este costumam suscitar. Como historiadora, há muito deixei de acreditar na ficção da neutralidade, mas fundamentalmente depois de ter ido a Canudos e ter tido a experiência única de pisar, olhar, respirar, ouvir e guardar em mim *de cor* – de coração - meu objeto de pesquisa. Tive muitas vezes dificuldade de achar o tom, de não me deixar levar pelo maniqueísmo fácil e perigoso do bem e do mal, do opressor e do oprimido. Pude constatar, em Nova Canudos, que não só a bibliografia da época está marcada por esta dicotomia, como até hoje parte da população se divide entre os que acham que Antonio Conselheiro foi um homem bom, justo, quase santo e aqueles que acham que o Conselheiro trouxe uma espécie de maldição para o lugar.

Feita esta ressalva, o objetivo desta dissertação de mestrado foi seguir as pistas, tênues, mas existentes, das crianças de Canudos analisando o desenraizamento e o apagamento da memória destas crianças. O material de pesquisa, ainda que não seja extenso, é contundente. O Livro do *Comitê Patriótico da Bahia*, originado a partir do relatório final das atividades desta organização da sociedade civil que socorreu as vítimas da guerra, denuncia os excessos cometidos pelos pretensos representantes da civilização contra as mulheres e crianças sertanejas durante o conflito. O secretário do Comitê presenciou a prática de venda de crianças sertanejas, efetivamente órfãs ou, apenas, separadas de suas famílias. Ele associou o que viu a *uma nova escravidão que se vai estabelecendo com estas desgraçadas vítimas de Canudos*¹.

Assim, utilizei documentos que mencionam, mesmo que secundariamente, as crianças de Canudos. São, sobretudo, relatos de época: livros, jornais, relatórios e cartas, fotografias e depoimentos para aprofundar a reflexão. Além de ter empreendido uma pesquisa seguindo *as pegadas* de um destes *canudinhos* – como

¹ Lélis PIEDADE, *Histórico e Relatório do Comitê Patriótico da Bahia (1897-1901)*. Antônio OLAVO (org.) Salvador: Portfolium, 2002, 2ed, p.211.

eram chamados, no pós-guerra, os órfãos de Canudos - o menino trazido por Euclides da Cunha, até a vida adulta.

Ao lidar com o tema, transitei pelos caminhos da memória e por conceitos como memória e esquecimento, ressentimento, lugar de memória, relíquias, alteridade e dialoguei com autores como Jacques Le Goff², Michael Pollack³, Robert Darton⁴, Pierre Nora⁵, David Lowenthal⁶, e Edward Said⁷. Canudos teimou em permanecer viva. Mesmo que na história oficial que a República nascente pretendeu construir não houvesse lugar para a memória daquele grupo minoritário, como não houve lugar para a outra ordem que Canudos pretendeu instaurar. A aldeia conselherista continuou a representar a delimitação de uma fronteira, um pertencimento, foi um amálgama que unificou uma comunidade afetiva e lhe deu identidade. As relações familiares e a transmissão oral garantiram que esta memória sobrevivesse silenciosamente, dando coesão, continuidade e sentido àquelas existências. Portanto, utilizei sempre que possível, relatos de sobreviventes e de seus descendentes.

Outro suporte de memória muito presente nesta dissertação é a fotografia. Como Canudos teve a particularidade de ter sido um conflito fotografado, escolhi entre a coleção de Flávio de Barros, fundamentalmente as fotos que registram crianças Canudenses para propor leituras, muitas vezes diversas daquela intencionada pelo fotógrafo na ocasião. Utilizei também uma foto de crianças canudenses encaminhadas para um colégio após a guerra e uma foto de Euclides da Cunha ainda menino, numa tentativa de ler nestas imagens o contraste entre sociedades tão díspares.

² *Jacques Le Goff*: Historiador francês dedicou-se principalmente a história medieval, foi colaborador da chamada *École des Annales*, liderada por um pequeno grupo de historiadores reformistas, reunidos ao redor de Marc Bloch e Lucien Febvre. É um dos principais expoentes da chamada história das mentalidades. Foi presidente de 1972 a 1977 da *École des Hautes Etudes em Sciences Sociales*.

³ *Michael Pollack*: Antropólogo, Pesquisador do Centre National Recherches Scientifiques – CNRS ligado ao Institut d' Histoire du Temps Present e ao Groupe de Sociologie Politique et Morale.

⁴ *Robert Darton*: É professor de História da Princeton University.

⁵ *Pierre Nora*: Historiador francês foi diretor da Escola de Altos Estudos. É dele a expressão Lugares de memória.

⁶ *David Lowenthal*: Geógrafo, professor da University College London.

⁷ Edward Said: (01/11/1935 – 25/09/2003) Foi intelectual, crítico literário e ativista da causa palestina. Lecionou nas Universidades de Columbia, Havard e Yale. Em 1978 publicou sua obra mais conhecida, intitulada *Orientalismo*, na qual analisava a visão ocidental sobre o mundo oriental, mais concretamente o mundo árabe.

Outro conceito crucial abordado foi o de infância. Este é um objeto muito recente como objeto de estudo dos historiadores, embora venha crescendo o número de trabalhos e pesquisas nos últimos anos no Brasil. Recorri principalmente às produções de Phillippe Ariès, Mary Del Priore, Irma e Irene Rizzini e Adriana Viana⁸ para buscar um aprofundamento no tema da infância e dos mecanismos de assistência e controle dos pobres e dos órfãos.

A dissertação está dividida em três capítulos. O primeiro capítulo é um panorama introdutório no qual abordo a trajetória de Antônio Conselheiro, a criação e a vida em Belo Monte, a guerra propriamente dita e introduzo a questão central dessa dissertação, que são as crianças de Canudos. No segundo capítulo, trato da questão da memória, da fotografia como suporte de memória e procuro realizar, na esteira de uma proposta de Geertz, uma descrição densa das fotos do conflito e das demais fotografias já citadas. O terceiro capítulo traz o tema da infância, e nele trabalho com a distribuição das crianças após a guerra, com a atuação do Comitê Patriótico da Bahia no socorro aos órfãos de Canudos. Na conclusão relato o encontro com a documentação que me permitiu chegar a Ludgero Prestes, o menino que Euclides trouxe de Canudos e entregou a Gabriel Prestes.

⁸ A Prof^a *Adriana de Resende B. Vianna* ao participar da minha banca de qualificação do mestrado construiu a imagem das crianças canudenses como butim de guerra. A imagem é tão pertinente e expressiva que acabou dando título a esta dissertação.